

CONTOS MACHADIANOS REPLICADOS NO SÉCULO XXI: UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Thaís Maciel Piasentine Barbosa (UNIDERP/UEMS)
profthbarbosa@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma atividade desenvolvida com alunos do 2º ano do ensino médio, em Campo Grande-MS, na disciplina de língua portuguesa. Após a leitura e análise de alguns contos de Machado de Assis, os alunos replicaram os contos contextualizados, trazendo as narrações para situações envolvendo nossos dias.

Palavras-Chave:

Contos machadianos. Contextualização. Contemporaneidade. Literatura.

A ideia para o desenvolvimento desta atividade surgiu do exemplar do clube do livro *TAG Experiências Literárias - Uns e Outros: Contos Espelhados*, tendo como organizadores Helena Terra e Luiz Ruffato, da editora Dublinense, Porto Alegre, quando em uma edição comemorativa autores da contemporaneidade, tais como: Beatriz Bracher, Eliane Brum, Milton Hatoum, entre outros, segundo os organizadores estes escritores “foram convidados a dialogar com autores do passado, consagrados pela passagem do tempo”. (TERRA & RUFFATO. 2017, p. 12)

Os autores escolhidos para serem contextualizados foram Machado de Assis, Ernest Hemingway, James Joyce, Clarice Lispector, Monteiro Lobato, Katherine Mansfield, Guy de Maupassant e Liev Tolstói. Chamou a atenção o fato do escritor Machado de Assis ser escolhido por três autores contemporâneos, demonstrando a atualidade da sua obra.

Munida desta inspiração, por assim dizer e pretendendo atender ao *Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – Ensino Médio*, que prevê o estudo do realismo no Brasil, gênese histórica, contexto cultural, princípio estéticos norteadores, autores e

obras, apresentei aos alunos alguns contos de Machado de Assis, retirados do livro *Os Melhores Contos de Machado de Assis*, seleção de Domicílio Proença Filho, 2004, que define exatamente a concepção desta atividade quando afirma que

Seus contos e seus romances caracterizam, entre outros traços, o experimentalismo de feição lúdica, a desmistificação da aura, a presença da paródia, a construção gradativa das personagens através do fluxo de consciência, a valorização dos estados mentais das personagens mais do que da ação e drama [...]. (PROENÇA, 2004, p. 15)

Foram selecionados os contos mais conhecidos do autor, àqueles que deveriam constar no repertório de todo estudante do ensino médio, sendo eles: "A Cartomante", "A Causa Secreta", "Conto de Escola", "Entre Santos", "Missa do Galo", "Noite de Almirante", "O Caso da Vara", "O Enfermeiro", "O Espelho", "Pai contra Mãe", "Uma Senhora" e "Verba Testamentária".

Os alunos divididos em duplas receberam uma cópia integral do texto, tendo a incumbência de somente fazer a leitura do conto, inicialmente, dada a falta de familiaridade com os textos e a linguagem, criou-se um certo bloqueio na leitura. Coube à professora, instigar que continuassem a ler, estimulando a leitura em voz alta, um para o outro, seleção de palavras desconhecidas, busca do significado no dicionário, orientando a dupla, esclarecendo fatos e situações do enredo do conto. A biblioteca escolar foi escolhida como o ambiente mais propício para essa experiência de leitura.

Após a leitura e releitura dos contos até o processo de compreensão do enredo, os alunos em dupla deveriam destacar os seguintes pontos em conto: o tema, marcas de ironia, de humor, intertextualidade e descrições físicas e psicológicas. Tais aspectos foram discutidos com os colegas numa apresentação oral, quando a dupla deveria apresentar seu conto e mencionar os itens encontrados.

Novamente a intervenção da professora foi necessária, orientando aos alunos que estavam apresentando e os que estavam assistindo a observar o estilo único do autor, sua temática que envolvem o amor, o ciúme, a morte, o jogo da verdade, a vaidade, enfim a luta constante que travamos com o absoluto e relativo.

Nesse processo, deu-se início a uma apropriação da leitura feita, os alunos que estavam apresentando os contos, passavam a usar o termo "meu conto", o que trazia uma sensação de posse e o fato de responde-

rem aos colegas as dúvidas sobre as personagens e as características dos contos, fazia com que eles começassem a criar um vínculo com a narrativa, trazendo o interesse em pesquisar, especular e até mesmo apresentar deduções sobre as circunstâncias e experiências do autor.

Fatos da biografia de Machado de Assis foram mencionados, levando a reflexão sobre a interferência das experiências vividas pelo mesmo no seu estilo de escrita ou até o distanciamento de suas vivências na produção de suas obras.

Tivemos também, o jogo das comparações, a partir da narrativa do colega, os jovens começaram a analisar o seu próprio conto, sempre mencionando as semelhanças, o desfecho e em determinados momentos maravilhando-se com a criatividade do autor, principalmente com a narrativa do conto “Entre Santos” e o “Espelho”.

A contemporaneidade das narrativas não passou despercebida, superadas as dificuldades normais no que se referia à compreensão da narrativa, principalmente por causa da linguagem, os alunos começaram a observar que os contos tratavam de temas do cotidiano, neste momento, é válido mencionar a intenção de expor o aluno aos textos originais, sem adaptações para que ele tivesse a experiência de “decodificar” sua própria língua, através da leitura de textos literários escritos no século passado.

Nestas rodas de apresentação dos contos, a análise literária assumiu um papel secundário, a leitura por si era o objeto de apreciação, os termos utilizados, o humor negro refinado do autor, os alunos passaram a citar expressões, tais como: “dama formosa e tonta”, “vesgo de raiva”, “eram amigos deveras”, entre outros, bem como, situações em que o personagem tinha determinada idade, mas aparentava ter mais ou menos anos. A professora sempre que percebia perplexidade diante de alguma narrativa, fazia uma intervenção pontual, questionando: “Imagine a situação, você... um jovem de 16 anos...”; “Imagine, meninas... você recém-casada...”; “Como você se sentiria numa situação, na qual você tivesse que tomar essa decisão?”

Após este processo de leitura e apresentações orais, foram apresentados para os alunos os elementos constitutivos de um conto, bem como, a proposta da produção textual do conto espelhado, os alunos receberam o seguinte comando:

CONTO ESPELHADO

Aprendemos que as temáticas utilizadas por Machado de Assis são atuais, embora tenham sido escritas há mais de um século. O desafio é fazer uma adaptação do enredo do seu conto de Machado de Assis contextualizado com o nosso tempo.

Para isso você terá que repensar primeiramente seu(s) protagonista(s), quem seria ele nos dias de hoje? Qual seria sua profissão? As relações familiares e o ambiente social?

Depois de definido as características das personagens, pense na adaptação do espaço físico, onde a narrativa aconteceria na atualidade?

Feitas estas adequações contextualize seu enredo. Como seria seu conto nos dias de hoje? Analise nossas relações sociais: Como as aparências são retratadas pela sociedade contemporânea? Como a hipocrisia, o adultério, o sadismo, a violência, a mentira são encaradas pelas pessoas do nosso tempo?

Depois que você planejou sua história comece a escrever SEU conto, faça as adaptações que achar necessário, o importante é que a sua narrativa retome a temática original de Machado de Assis no conto original.

A escrita iniciou-se em sala de aula, quando os alunos começaram a discutir as possibilidades e adequações que seriam necessárias para trazer os elementos da narrativa para o nosso tempo, considerando a complexidade da produção textual:

A produção de textos orais e escritos é um trabalho linguístico complexo. No momento da verbalização manifestam a configuração contextual (o “o quê”) e a configuração formal (o “como”) do texto, que resultam de atividades prévias ou concomitantes, no plano pragmático e semântico. No plano pragmático, a “atividade de situação do falante ativa conhecimentos armazenados em sua mente e os articula com os elementos que a situação lhe coloca, na elaboração do arcabouço conceitual que dará sustentação ao seu texto. O falar e o escrever “traduzem” em linguagem verbal esses processos mentais. (VAL, 2006, p. 93)

30 (trinta) contos, aproximadamente, foram replicados, considerando que a atividade foi aplicada em duas turmas com uma média de 25 (vinte e cinco) alunos por turma, entendemos ser um quantitativo signifiicante, dada a complexidade da atividade.

A maioria dos contos espelhados escritos pelos alunos apresentou grande semelhança com o original, mantendo-se inclusive o nome dos protagonistas, no entanto, a contextualização foi unânime, principalmente na linguagem e na presença de equipamentos tecnológicos, tais como celulares, computadores, veículos, bem como, elementos, valores e comportamentos da nossa sociedade moderna.

Um conto que se destacou em três versões diferentes e surpreendentes foi o “Caso da Vara”, onde o personagem principal Damião foi apresentado de formas inusitadas, abaixo segue a transcrição parcial do texto que recebeu o título “O caso da bala”, do aluno 1:

Era um dia turbulento, Damião resolveu sair do seminário, porém ele não tinha para onde ir, pois sua família era muito religiosa e o sonho do seu pai era ter um filho homem para ser padre [...] Damião disse para Dona Rita que não tinha vocação para ser padre, pois sentia atração por meninos e não queria tornar-se um padre pedófilo.

O aluno 1 optou em manter o narrador em terceira pessoa, igual ao conto machadiano e o contextualizou com uma temática muito presente em nossa sociedade que são os casos de homossexualidade e pedofilia envolvendo integrantes do clero.

É importante mencionar que a Dona Rita, neste conto é proprietária de um sex shop, loja especializada em produtos eróticos e que enquanto conversavam entrou na loja um padre para comprar produtos, o seminarista e o padre revelam suas preferências homossexuais e iniciam um caso amoroso.

E com isso Damião voltou para o seminário, com segundas intenções, e eles começam a ter relações sexuais, todas as quartas-feiras no confessionário da paróquia, mantiveram-se assim por dois anos, até serem descoberto pelo pai de Damião [...].

Não há insinuações, as descrições são diretas, neste conto, o foco está na orientação sexual do protagonista e a Dona Rita surge secundariamente na narrativa que está focada na intolerância paterna, o final do conto descreve isso claramente: “[...] chegando lá executou os dois com três tiros [...] para que ninguém soubesse que seu filho era homossexual, antes de matar ele disse para Damião que preferia um filho morto a ter um filho viado”.

Outra versão, escrita pelo aluno 2, traz o jovem Damiane cursando direito que foge da aula de direito penal, abaixo segue a descrição do protagonista.

– Peguem seus livros de direito penal e abram na página...

Depois das primeiras palavras do professor, Damiane desesperando-se com o tamanho do livro a sua frente, arruma suas coisas e sai da sala. Desistira da faculdade de direito, literalmente, após dois minutos do primeiro dia de aula, era um garoto um tanto medroso, tinha 18 anos e era recém-saído do ensino médio, tinha sido obrigado a fazer direito pelo seu pai, pois sua família era composta por muitos advogados [...]

Para criar o narrador que vai contar sua história em terceira pessoa é indispensável o autor desenvolver a qualidade de ver-se de fora, de selecionar um aspecto de seu jeito de ser para tornar-se claro para o leitor. Observa-se a construção narrativa iniciada por uma fala do professor, remetendo o leitor ao ambiente sufocante que a personagem principal se encontra e sua agonia é causada basicamente pelo tamanho do livro, o que traz uma pitada de humor. No trecho abaixo, Damiane usa o deste argumento em sua súplica para Dona Rita.

– Rita, pelo amor de Deus me ajuda, não tem como eu me tornar um advogado, não posso fazer faculdade de direito, você já viu o tamanho daqueles livros? São enormes! Têm mais de mil páginas e o tamanho da fonte? São minúsculas! Precisa ter lupas para ler aquilo. Respondeu Damiane com uma expressão facial desesperada.

Nesta versão do conto, Dona Rita, originalmente Sinhá Rita, é proprietária de uma escola de música e é namorada do tio Júlio de Damiane, assumindo uma posição semelhante ao conto original de interventora para auxiliar o protagonista a livrar-se da imposição paterna.

A trama desenvolve-se com o surgimento do garotinho chamado Cleiton que deixa de fazer suas lições para brincar com Damiane, enquanto aguardam a resposta de seu tio que foi falar com o pai do jovem. Obviamente, o menino não aprende a lição e é penalizado por Dona Rita, com a ajuda do protagonista.

Damiane sabia que era por sua culpa que o garotinho não conseguira aprender sua música, mas mesmo assim, ele não conseguiu ir contra Rita, pois ela o estava ajudando na questão com seu pai, então relutante, Damiane obedece e entrega a prancheta para Rita.

A terceira versão, escrita pelo aluno 3, também mantém elementos da narrativa original, no entanto, traz alguns elementos diferenciados, existe mais sutileza e o leitor deve inferir algumas informações, a jovem escritora usa de subterfúgios e eufemismos para descrever as cenas e acontecimentos da narrativa.

Rita “cuidava de uma casa de massagem”, considerando que esta nomenclatura é utilizada para disfarçar ou amenizar a palavra prostíbulo, há também insinuações quando a jovem é obrigada a manter relações sexuais com o protagonista, que constrangido com a situação abstém-se alegando mal-estar.

Dona Rita cuidava de uma casa de massagem, nos becos da cidade, tinha como empregadas meninas que migravam para a cidade e não tinham onde morar, para elas a casa de massagem era melhor que as ruas, pelo menos lá ti-

nham um teto, comida e cuidados.

O desfecho envolve a privação de alimentos, neste conto, o jovem não alcança a vara, mas retira, por ordem de Rita, o prato de comida da jovem oprimida por ela não ter “trabalhado”.

Na espero do amigo, dona Rita convidou Daniel para receber uma mensagem, chamou uma menina recém-chegada, que não parava de chorar por sua miséria. Dona Rita ordenou que ela parasse de chorar e começasse a trabalhar.

Damião percebeu naquela hora que era o primeiro cliente da moça, sentiu uma imensa empatia por ela [...]

Além do conto “O caso da vara”, outros contos replicados também merecem destaque, tais como: “Entre professores”, baseado no conto “Entre santos”, em que um aluno de modo fantástico ouve a conversa entre professores, trazendo assim o universo escolar e a idealização da figura do professor.

Observou-se também uma tendência à romantização dos contos, a presença da influência da literatura estrangeira, quando alguns alunos optaram e nomear os personagens com nomes “americanizados”, tais como “Jonh”, “Clark”, “Marie”, entre outros. Demonstrando assim que os jovens possuem alguma experiência e até mesmo o gosto pela leitura de livros que despertem o interesse e principalmente encontrem identificação.

Algumas adaptações penderam para o terror clássico, principalmente o conto “O espelho”, que foi replicado envolvendo também aspectos de loucura e mistério. Até mesmo o clássico “A cartomante”, trouxe marcas de contemporaneidade quando a jovem consulta um site de previsões astrológicas e depois é assassinada pelo esposo, que antes de matar o amante, faz com que o mesmo comesse partes de sua amada em um jantar macabro.

Através desta atividade, pautando-me no *Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – Ensino Médio*, que vê literatura exercendo um papel singular na formação do estudante, visando, sobretudo, ao aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico e que para atingir esses objetivos

[...] há, atualmente, a exigência da adoção de novas abordagens metodológicas; nesse sentido, o uso de recursos lúdicos em sala de aula surge como um subsídio ao desenvolvimento do trabalho docente, tornando, assim, as aulas mais interativas. (2008. p. 61)

E entendendo também, que Machado de Assis via a literatura como um constante diálogo entre os textos, como um jogo intertextual, compreendendo que não existe a originalidade absoluta, inserir o estudante do ensino médio na prática da construção do discurso-intertextual é a iniciação do processo de conhecimento da sua própria língua e das suas diversas manifestações.

Pode-se concluir que seria muito cômodo para nós, professores, atribuímos aos estudantes o desinteresse pela leitura de clássicos literários e que cabe a nós a apresentação destes textos, conduzindo o jovem leitor a compreender as particularidades inerentes a literatura de época, e permitir a reflexão e principalmente a compreensão das verdades universais presentes, contextualizado e replicando as narrativas dentro do nosso contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, [Joaquim Maria] Machado de. *Os melhores contos de Machado de Assis*. Organizados por Domício Proença Filho. 15. ed. São Paulo: Global, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

GUEDES, Paulo Coimbra. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola, 2009.

MATO Grosso do Sul. *Referencial curricular da educação básica da rede estadual de ensino/MS: ensino médio*. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2008.

TERRA, Helena; RUFFATO, Luiz. *Uns e outros: contos espelhados*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação descomplicada*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.